

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ASPECTOS DE VARIAÇÃO SOCIAL ENCONTRADOS EM DOIS GRUPOS TABATINGUENSES

Geane Martins dos Santos¹

Marcinere Souza Barros²

Ana Leticia Ferreira de Carvalho³

RESUMO:

A presente pesquisa tem como temática os aspectos de variação social encontrados em dois grupos tabatinguenses, com faixa etária entre 15 a 20 e 50 a 70 anos, com o objetivo de analisar o linguajar desses dois grupos. Dessa forma, é de grande relevância, pois irá analisar a diferenciação dos falares tabatinguenses, enfocando a variação social, pois não foi encontrado nos acervos bibliográficos a respeito deste tema, por esse motivo será uma pesquisa inédita para o município e assim abrirá novos caminhos para outras pesquisas. A abordagem metodológica está fundamentada em William Labov, Louis- Jean Calvet, Stella Maris Bortini-Ricardo.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação Diastrática. Análise Linguística.

ABSTRACT:

The present research has as its theme the aspects of social variation found in two tabatinguenses groups, with ages ranging from 15 to 20 and 50 to 70 years, in order to analyze the language of these two groups. Thus, it is of great relevance, because it will analyze the differentiation of the tabatinguenses speakers, focusing on social variation, since it was not found in the bibliographical collections on this subject, for this reason will be an unpublished research for the municipality and will open new ways for other surveys William Labov, Louis- Jean Calvet, Stella Maris Bortini-Ricardo.

Keywords: Sociolinguistic Variation. Diastrática Variation. Linguistic Analysis.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática os aspectos de variação social encontrados em dois grupos tabatinguenses, com faixa etária entre 15 a 20 e 50 a 70 anos e o objetivo proposto foi analisar o linguajar desses dois grupos tabatinguenses. A variedade linguística encontrada durante a entrevista realizada nos possibilitou perceber muitas variações que já não são muito utilizadas e aquelas que são utilizadas, mas em diferentes contextos, observamos que tudo se deu de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas do município. Na variação social, a língua varia de grupo social para grupo social, como podemos perceber facilmente alguns exemplos como: os idosos falam diferente dos adolescentes; uma pessoa do

campo fala diferente de uma pessoa da cidade; pessoas com menor escolaridade falam diferente das com maior escolaridade; as mulheres falam diferente dos homens, nessa perspectiva o foco maior dessa pesquisa foi direcionado ao grupo de idosos e adolescentes.

Desse modo, esta pesquisa foi de grande relevância, pois encontramos variantes que já haviam sido totalmente esquecidas e esses jovens e idosos contribuíram para que esse trabalho pudesse mostrar a heterogeneidade da língua. O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. (LABOV, 2006, s/pág).

A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes que chamamos de variações linguísticas.

A nossa língua é dinâmica, por isso está sempre em movimento e sofrendo mudanças conforme o desenvolvimento da sociedade. (RODRIGUES LEITE, s/a, s/pág). Desse modo, língua é a linguagem verbal oral e/ou escrita utilizada por um grupo de indivíduos que constituem uma comunidade.

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

Alguns exemplos de variação social são as gírias próprias de um grupo com interesse comum, como os skatistas e os jargões próprios de um grupo profissional, como os policiais.

Assim sendo, variação social são variações que ocorrem de acordo com os hábitos e cultura de diferentes grupos sociais. Este tipo de variação ocorre porque diferentes grupos sociais possuem diferentes conhecimentos, modos de atuação e sistemas de comunicação. Os principais condicionadores sociais que usualmente são correlacionados à variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária.

O grau de escolaridade diz respeito a um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “nós vai” ou “a gente

vamos”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai”.

Desse modo, os índices de concordância nominal padrão vão crescendo conforme aumentam os anos de escolarização dos falantes, indicando que os que passaram mais tempo em ambiente escolar produzem em maior número a variante considerada padrão.

Quanto ao nível socioeconômico, seus estudos apontam que o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não-padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pelo variante padrão.

Já no que diz respeito à variação social relacionada ao sexo ou gênero dos informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente.

Finalmente, com relação à faixa-etária, a relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões entre os sociolinguístas no Brasil e no mundo, pois em geral, no controle desse condicionador entra em jogo a questão da mudança linguística.

1. Referencial Teórico

Todos nós sabemos que pessoas idosas falam diferente dos adolescentes, mas não paramos para pensar o porquê isso acontece. Por isso, decidimos investigar quais os aspectos que interferem para que haja essa variação na fala desses dois grupos.

Existem vários aspectos que fazem com que ocorra a variedade de fala de um grupo para outro e isso está relacionado a fatores sociais como: etnia, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e grupo profissional.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006) as variações entre os repertórios feminino e masculinos são relacionados aos papéis sociais que, conforme já aprendemos, são culturalmente condicionados.

A autora diz ainda que "diferenças entre o repertório masculino e feminino podem ser verificadas também no comportamento comunicativo não-verbal, como a direção do olhar, a postura do tórax e da cabeça, os gestos, a aproximação entre os interlocutores etc". (BORTONI-RICARDO, 2006, s/pág).

De acordo com Meillet, apud Calvet (2002), s/pág, "por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social".

Como se pode notar nessa citação, do ponto de vista de Calvet, toda e qualquer variação na língua é motivada estritamente por fatores sociais.

O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. (LABOV, 2006, s/pág).

Segundo Labov, uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua. (LABOV, 2008, s/pág).

Labov (2008) diz que, a evolução linguística conforme o tempo e o espaço assemelham-se a um processo de desenvolvimento acompanhado pela ciência que examina biologicamente a vida dos animais e das plantas, ou a origem, a constituição e as sucessivas transformações da terra. Isto é, em relação à linguagem dos idosos, as modificações de fala que ocorrem com essas pessoas depende da existência de vida em cada fase, como por exemplo, os jovens possuem seus próprios falares que são extremamente diferentes dos falares das pessoas mais velhas. Nesse tempo moderno, os jovens e adolescentes descobrem novos vocabulários através do convívio com diferentes pessoas de lugares diferentes e em diferentes contextos.

2. Dados Metodológicos

Os instrumentos utilizados nessa pesquisa foram o questionário sociolinguístico e a entrevista semiestruturada, onde foram direcionadas vinte perguntas relacionadas aos dados que tivemos o intuito de coletar, e após isso, de forma espontânea, pedimos aos entrevistados que contassem histórias ou fatos ocorridos e presenciados por eles para que chegássemos aos aspectos que buscávamos, a diferenciação do linguajar de um grupo para outro. A coleta de dados foi realizada em diferentes bairros do Município de Tabatinga: São Francisco, Santa Rosa, Comunicações e Brilhante, em cada bairro foram entrevistados cinco

participantes, dois jovens e três idosos. Assim obtivemos um total de vinte (20) entrevistados, sendo doze (12) idosos e oito (08) jovens.

A abordagem metodológica foi de cunho qualitativo, para analisarmos a diferenciação que existe entre a fala desses dois grupos com faixa-etária entre 15 a 20 e de 50 a 70 anos de idade.

Primeiramente foi aplicado o questionário sociolinguístico para dividir os grupos por faixa etária de 15 a 20 e 50 a 70 anos de idade.

O questionário foi aplicado para coletarmos o perfil dos entrevistados, como nome, a idade, escolaridade, profissão, entre outros. A partir daí, foi feita a seleção das pessoas em dois grupos por faixa-etária.

Após a divisão dos dois grupos, passamos a coletar os dados em entrevistas direcionadas de modo a propiciarem uma rica coleta de variações linguísticas, entrevistas que foram gravadas em áudio para posterior análise. A entrevista foi realizada a partir da assinatura do termo de consentimento para que os participantes consentissem de livre e espontânea vontade a participar da pesquisa.

A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, onde direcionamos vinte perguntas relacionadas aos dados que tínhamos o intuito de coletar, após isso, de forma espontânea, pedimos com que os entrevistados contassem histórias ou fatos ocorridos e presenciados por eles para podermos assim chegar aos aspectos que fazem com que diferenciem o linguajar de um grupo para outro.

Quanto mais à vontade os falantes estavam em seu discurso, mais variantes conseguimos encontrar na fala, e mais confiáveis foram os dados coletados pelos investigadores. E assim permitiu-se que os contextos entre os dois grupos fossem correlacionados para chegarmos ao objetivo proposto.

Em seguida, foram analisados os dados coletados através de gravações de áudio, onde diferenciamos os aspectos de fala dos entrevistados e identificamos quais os aspectos que interferem no falar tabatinguense desses dois grupos.

3. Discussão e análise dos resultados

As análises feitas no decorrer de cada entrevista em áudio, nos proporcionou perceber as variações encontradas nos dois grupos que nos propusemos a analisar, mostrando a diversidade encontrada no município de Tabatinga e nos seus respectivos bairros. A pesquisa feita buscou traçar um perfil da combinação dos

resultados das variáveis idade, sexo, classe social e nível de escolaridade que nos mostrou características de variações que já estavam bem esquecidas dentro da comunidade e no meio social. As variantes mostradas na tabulação caracterizam o falar dos jovens e dos idosos, mostrando que os jovens falam diferente dos idosos em virtude do contato com o meio social de cada um deles. Os jovens por terem nascido na era da tecnologia e por estarem em contato constante com as redes sociais acabam por utilizar no seu dia-a-dia um linguajar muito compartilhado nesse meio virtual.

Em seu artigo *Variedades Linguísticas*, Rodrigues Leite (S/A), diz que:

A variação diastrática refere-se aos modos de falar que correspondem a códigos de comportamento de determinados grupos sociais. A variedade diastrática corresponde ao uso linguístico partilhado por um grupo social, cujos membros mantêm entre si relação de identidade que os diferenciam em relação a outros grupos. (RODRIGUES LEITE s/a, s/pág).

Desse modo, veremos a seguir, no quadro abaixo, as mostras de fala dos adolescentes que foram coletadas nos bairros São Francisco, Santa Rosa, Comunicações e Brilhante, todos na zona urbana do Município de Tabatinga.

QUADRO 1 – MOSTRA DE FALA DOS ADOLESCENTES

Quant.	Gênero	Faixa-Etária	Escolaridade	Variantes encontradas em ambos os gêneros
04	Feminino	15 a 20	Ensino fundamental I Ensino fundamental II Ensino médio	Selfie, acorda pra cuspir, de boa, sacou, balada, chibata, viajando, pegar, filé, festa da hora, rolê, se liga, treta.
04	Masculino	15 a 20	Ensino Fundamental II Ensino Médio Ensino Superior	

Fonte: Santos, Geane Martins, 2018.

Barros, Marcinere Souza, 2018.

O quadro acima apresenta expressões de termos diferenciados que envolvem muitos componentes linguísticos, como a escolaridade, a idade, o gênero e também envolve a convivência, muitas vezes os pais não falam dessa maneira em casa, mas os filhos vão ouvindo os colegas e acabam aprendendo e passando a se comunicar de forma diferente. Além da interferência da internet que é um meio que contribui bastante no linguajar das pessoas, por isso ocorre essa variação de fala.

Essas variações foram encontradas nos jovens de 15 a 20 anos, com escolaridade do ensino fundamental I, Ensino fundamental II, Ensino médio e ensino superior, falantes do sexo feminino e masculino, residentes em diferentes bairros. São jovens de escolaridade diferentes, mas que apresentam na fala variações semelhantes, pelo fato do convívio social entre eles, pois são jovens que gostam de sair e se divertirem principalmente à noite, sem esquecer que partilham dos mesmos hábitos, no que diz respeito ao frequente uso das redes sociais.

A variante que nos chamou mais a atenção, falada por um jovem do sexo masculino, foi a variante "chibata", já que esse jovem que a utiliza cursa o ensino superior. Assim buscamos compreender o porquê do uso dessa variante e ele nos revelou em entrevista que usa esse termo em rodas de conversa com amigos, em bares e com seus familiares e até mesmo na Universidade com seus colegas, pois é uma expressão que está arraigada no seu repertório, mas entende que essa variante se utiliza na fala e não na escrita. Disse que em seus textos escritos busca escrever de acordo com as regras gramaticais e utilizar o dialeto padrão.

As variantes apresentadas no quadro acima, de acordo com os participantes, são faladas em diferentes domínios de uso, como: igrejas, escolas, clubes, comércios, hospitais e universidade. Portanto, verificamos que grupos de uma mesma comunidade de fala, tendo níveis diferentes de escolaridade, utilizam as mesmas variantes em diferentes domínios discursivos. Esse fato se justifica pelo frequente uso das redes sociais, pois a tecnologia é fato presente nesse ambiente, e com a velocidade da informação trazida pelas redes sociais, as variações são constantes, num "pisar de olhos" é possível que essas expressões venham a ser substituídas por novas palavras.

Segundo Rodrigues Leite (s/a), há contextos que exigem maior formalidade e contextos em que a informalidade é regra a se seguir, como nos contextos privados. Nisso, em relação à pessoa a quem se dirige, o falante pode se dirigir de um modo

formal, dependendo se o seu interlocutor é mais velho e dependendo do lugar que o falante estiver, em uma igreja, em um bar ou uma escola.

Portanto, como afirma o autor acima, há um contexto a se seguir, entretanto esses jovens não seguem essa formalidade, como vimos eles utilizam na fala as mesmas expressões em diferentes domínios discursivos, mesmo tendo diferentes níveis de escolaridade.

QUADRO 2 - MOSTRA DE FALA DOS IDOSOS

Gênero	Faixa Etária	Escolaridade	Variantes
Feminino	50 a 70	Analfabeto, Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental, Ensino Médio Incompleto, Ensino Médio.	Corpete, coeiro, danisco, lundum, furnido, brocado, encarnado, lorota, caneco, colégio, retrato, lapiseira, colcha, buli, sombrinha, cinturão, sacola, filtro, derradeiro, travessa, serena, jurumum, curumim, cunhantanha.
Masculino	50 a 70	E.F.I, E.F, E.M.I, E.M	Coeiro, emburrado, brocado, encarnado, colégio, retrato, assoalho, lapiseira, sombrinha, cinturão, sacola, filtro, maleta, derradeiro, travessa, horrive, proguntar, coivarar, jurumum, murchila.

Fonte: SANTOS, Geane Martins 2018

BARROS, Marcinere Souza 2018

O quadro acima apresenta a mostra dos dados coletados pelos entrevistados do gênero feminino e masculino, com faixa etária entre 50 a 70 anos e níveis diferentes de escolaridade.

Nessa mostra, podemos verificar as diferenças encontradas na fala dos idosos com relação a dos adolescentes, dentre elas destacamos: jurumum, coivarar, proguntar, coeiro, danisco, furnido, lorota, horrive, caneco, colcha, buli, filtro, travessa, retrato, encarnado, corpete, colégio, lapiseira, derradeiro e sombrinha. Essas expressões são utilizadas pelos participantes que não tiveram acesso aos bancos escolares.

Alguns participantes, apesar de apresentarem nível de escolaridade mais alta como o Ensino Fundamental, utilizaram algumas dessas variações acima, como por exemplo: assoalho, caneco, lundum, cinturão, lapiseira, sacola, corpete, sombrinha, colégio, retrato e brocado. Essas são expressões que foram utilizados pelos entrevistados de Ensino Fundamental.

Dentre as variações mencionadas acima foram encontradas na fala dos entrevistados que tinham como escolaridade o Ensino Médio, as seguintes variações: corpete, brocado, caneco, colégio, sombrinha, sacola, murchila, cunhantinha e curumim. Essas pessoas, apesar de ter um grau de escolaridade mais elevado, usam esses termos, pelo fato do contato com pessoas da mesma faixa-etária e fazerem parte de um mesmo grupo social.

Portanto, conforme Labov (2006), s/pág, "são vários os fatores sociais para explicar essas variações linguísticas, dentre elas estão: gênero, faixa etária e grau de escolaridade".

Do exposto, concluímos que o fator escolaridade não foi determinante para o uso das variações encontradas nesses dois grupos, e sim o fator faixa-etária, como podemos comparar nos dois quadros expostos neste trabalho. Pode-se observar que a mudança dos usos linguísticos de um grupo para outro é evidente. Isso determina o fator faixa-etária como preponderante para o resultado encontrado.

De acordo com Assunção (s/a), é preciso compreender que tais mudanças, como se pensava no início, não se encerram somente no tempo, mas também se manifestam no espaço, nas camadas sociais e nas representações estilísticas.

Nesta coleta de dados, percebe-se que muitas palavras já estão substituídas por outras, já são poucos idosos que ainda usam essas variações trazidas dos seus pais e avós, mesmo as utilizando no domínio doméstico ainda são discriminados. Segundo Finatti Baragio (2013), é através da pesquisa de campo e entrevistas que podemos registrar dados, descrever e finalmente partir para a análise de dados, descobrindo e explicando como se deu e o porquê se dá as variedades linguísticas.

Através da pesquisa de campo, a sociolinguística – inspirada no método sociológico – registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variedade linguística como seu objeto de estudo. (FINATTI BARAGIO, 2013)

No quadro acima, observa-se que se trata dos diferentes falares dos idosos para mostrar a variação que ocorre de um grupo para o outro, conforme exemplifica o autor. A perspectiva social é vertical, ou seja, implica o estudo dos falares de diferentes grupos dentro de uma mesma comunidade (FINATTI BARAGIO, 2013).

Conforme Assunção (S/A), a linguística atual revela que uma língua não é homogênea e deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o homem – a diversidade, a possibilidade de mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de variação linguística em dois grupos tabatinguenses nos remete ao procedimento de desenvolvimento e transformação de uma língua falada numa determinada sociedade, que de um exato momento sofre metamorfose no comportamento psicologicamente homogêneo para um comportamento heterogêneo, conforme a convivência pertinente e a idade das pessoas numa determinada comunidade, num determinado tempo e espaço.

O presente artigo teve como finalidade apresentar os resultados da pesquisa realizada no município de Tabatinga, onde encontramos os fatores que contribuíram para a variação dos diferentes falares entre dois grupos tabatinguenses.

Portanto, a pesquisa tornou-se relevante, pois possibilitou mostrar a análise dos diferentes falares existentes entre esses dois grupos investigados e ao mesmo tempo esclarece o porquê essa variação ocorre na fala dos investigados.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Ana Lúcia. **Variação Linguística, um princípio da Evolução da Língua**, s/a.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (2004): **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. -4 ed., Sao Paulo: Parábola Editorial, 2004

CALVET, Louis- Jean (2002): **Sociolinguística: uma introdução crítica** / Louis- Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo.- São Paulo: parábola Editorial, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Para conhecer a sociolinguística**. – São Paulo: Contexto, 2015.

FINATTI BARAGIO, Gisele. **O pensamento de Labov na Sociolinguística e as contribuições da Sociolinguística Educacional para o processo Ensino/Aprendizagem da Linguagem.** 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos/** William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. –Sao Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (2015): **Manual de Sociolinguística.** 2 ed., Sao Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecilia. **Introdução á sociolinguística: o tratamento da variação** / Maria Cecilia Mollica, Maria Luiza Braga. -4 ed., São Paulo: Contexto, 2013.

RODRIGUES LEITE, Jan Edson. **Variedades Linguísticas/Artigo,** pág 06.

GLOSSÁRIO

VARIANTES DOS JOVENS

Balada: Festa

Bocó: Desatento

Chibata: Legal

Dboa/De Boa: Tudo bem

Da Hora: Bom, gostoso

Filé: Gostosa

Larica: Fome

Pegar: Ficar

Rolé: Volta

Selfie: Foto

Se Liga: Fica esperto

Sacou: Entendeu

Tipo: Por exemplo

Treta: Briga

Viajando: Esta Doido; Endoidando.

VARIANTES DOS IDOSOS

Assoalho: Piso

Alesado: Pessoa boba

Arengueiro: Encrenqueiro

Arengueiro: Que gosta de brigar

Anssim: Assim

Brocado: Com fome

Bule: Jarra

Caneco: Copo

Corpete: Sutiã

Colégio: Escola

Colcha: Edredom

Coivarar: Encoivarar / Queimar

Cinturão: Cinto

Coberta: Lençol

Cará: Batata doce/batata roxa

Derradeiro: Ultimo

Danisco: Danado

Encarnado: Vermelho

Encrenqueiro: Quem gosta de brigar

Emburrado: Com raiva

Filtro: Bebedouro

Furnido: Forte

Horrivi/horrive: Horrível

Jurumum: Jerimum

Lesado: Bobo

Lundum: Mal humor

Lapiseira: Caneta

Lorota: Mentira

Maleta: Mala

Maça: Maça

Onte: Ontem

Proguntar: Perguntar

Prantar: Plantar

Roça: Sítio

Retrato: Foto

Sacola: Bolsa plástica

Sombrinha: Guarda-chuva

Serena: Absorvente

Travessa: Tiara

Tuiri: Cinzento

Travessa: Tiara